



FERNANDA ABREU
 «ENTIDADE URBANA»
CD EMI/EMI-VC 2000

É daqueles casos em que o título define na perfeição o conteúdo do disco: o quarto álbum de originais de Fernanda Abreu, ex-vocalista dos Blitz, é um objecto sonoro luxuosamente acabado, espécie de centro comercial suburbano pensado ao milímetro, cheio de cromados, vidros impecavelmente limpos e decoração moderna minimalista. Ou, se preferirem, uma aproximação criativa à energia pulsante e incontável da megalópole moderna, declinada em onze exercícios sobre a matriz estabelecida pela cantora brasileira nos discos anteriores: um cruzamento entre o ritmo percussivo orgânico do samba e a «linha de montagem» sofisticada do funk plástico «made in USA», o todo programado meticulosamente para ser um concentrado de hedonismo pop dançável.

«Entidade Urbana» é o equivalente auditivo da mega-discoteca da moda, onde o sublime e o insuportável se miscigenam para construir um híbrido que não renega a sua vocação «trash» populista nem abandona a pretensão do comentário sociológico mascarado de hedonismo moderno. Não é por acaso que as fotos de capa exibem uma Fernanda Abreu monstro-de-Frankenstein-manta-de-retalhos, mosaico de personalidades e visuais possível apenas pela tecnologia que permite também rodear a sua voz limitada de um glorioso technicolor cinematográfico que convoca Gilberto Gil ou Lenine, Chico Science ou os Pet Shop Boys, o disco-sound mais rasca e a balada MPB mais doce. «Entidade Urbana» é o nec plus ultra da cibernética virtual aplicada à música, com uma sensibilidade pop certa alinhada directamente ao coração dos topes. Mas lá por ser uma evidente fabricação de estúdio, isso não quer dizer que se deva rejeitar liminarmente tão assombroso manifesto pop. Bem pelo contrário: nos seus 45 minutos, «Entidade Urbana» sintetiza a perfeição fugaz do disco pop ideal cujo prazo de validade termina com os últimos calores do Verão. (6/10) J. M.